

A educação abre as portas para um mundo melhor*

Education opens the door to a better world

SYBIL E. WILSON**



RESUMO – O mundo não é um mundo só, mas vários mundos diferenciados conforme os indicadores de desenvolvimento humano: longevidade, educação e padrão de vida. Todos os países desejam melhorar esses índices de desenvolvimento humano, que deveriam ser indicativos de um mundo melhor para os indivíduos e levar a um mundo melhor a todos. Apresenta-se como argumentos que a educação é a chave dessa melhoria e que a tecnologia de computadores é uma ferramenta importante para proporcionar acesso ao ensino básico para todos. O resultado dessa educação deveria ser o bem-estar de indivíduos e comunidades. O programa educacional deve incluir, no mínimo, letramentos críticos (leitura, numeração e tecnologia), disciplinas acadêmicas gerais, educação cívica e moral, atividades de lazer e educação para o empreendimento.

Palavras-chave - desenvolvimento humano e educação; bem-estar; um mundo melhor

ABSTRACT – The world is not one world, but several worlds differentiated according to the indicators of human development: longevity, education and standard of living. The desire of all countries in the world is to improve on these indices of human development and that should be indicative of a better life for individuals and lead to a better world for all. The argument is made that education is key to such improvement, and that computer technology is a major tool to provide access to basic education for all. Such an education should have as its outcome the well being of individuals and communities. The educational programme should include, at a minimum, critical literacies (reading, numeracy and technology), general academic subjects, civic and moral education, leisure activities and enterprise education.

Keywords – human development and education; well-being; better world

INTRODUÇÃO

Na sua famosa canção, *Imagine*, John Lennon (1971) tem a visão de um mundo com: “[...] todas as pessoas [...] Vivendo a vida em paz [...] Compartilhando do mundo [...] E o mundo será como um só”.

Infelizmente, esse é um sonho distante. Não há paz no mundo atual, ao contrário, há conflitos de intensidade variável que, atualmente, resultam em perda de vidas em 33 países. Não compartilhamos do mundo inteiro: há fome em alguns lugares e abundância em outros; há excessos de riqueza e de miséria. Para imaginarmos e começarmos a trabalhar por um mundo melhor, é necessário vermos

aquele no qual agora vivemos. A minha primeira tarefa, portanto, é proporcionar uma imagem desse mundo. Farei isso em termos econômicos, educacionais e de desenvolvimento humano, através da linguagem e dos índices usados por agências internacionais, como as Nações Unidas (ONU) e o Banco Mundial, para a análise e comparação de países.

Partindo disso, tratarei da questão de um mundo melhor; saber o que leva a um mundo melhor é uma questão candente para todos, desde políticos e chefes de estado até famílias e indivíduos. A terceira parte do presente trabalho enfoca a centralidade do ensino básico na criação de um mundo melhor.

* Este artigo foi uma das conferências do 30th Annual Seminar of the International Society for Teacher Education, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, Brasil, de 11 a 17 de Abril de 2010.

**PhD em Educação pela Universidade de Toronto (Canadá). Professora Emérita da Brock University, (Canadá). E-mail: <swilson@brocku.ca>. Artigo recebido em abril de 2010 e aprovado em abril de 2011.

1 ESTE MUNDO

Existem diversos mundos dentro deste, quando pensamos em termos econômicos, educacionais e de desenvolvimento humano. Esses três fatores são usados para agrupar os países do mundo em níveis de desenvolvimento, como altamente ou pouco desenvolvidos, bem desenvolvidos, em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Uma linguagem ainda mais comum para descrever países é um *ranking*: assim, há países de Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto Mundo. Essa ordem ainda é baseada em níveis de desenvolvimento.

1.1 O modelo de dois mundos

Há o modelo de dois mundos: um é desenvolvido e industrializado e outro está em desenvolvimento, em grande parte agrícola. Esse modelo, puramente econômico, também é conhecido como o mundo Norte-Sul. O Norte é o mundo dos países ricos; o Sul constitui todos os outros que se encontram em diferentes pontos sobre o contínuo, desde solvência econômica até a situação de endividamento, vigor para lutar.

1.2 O modelo de três mundos

Depois da Segunda Guerra Mundial, o mundo cindiu-se em dois grandes blocos geopolíticos e esferas de influência, com visões opostas sobre a forma e o papel do governo, da política, da economia e do lugar e importância do indivíduo na sociedade. Eram eles: o bloco de países democrático-industriais, dentro da esfera de influência Britânica/Europeia Ocidental/Americana, conhecido como o Primeiro Mundo (os países desenvolvidos prósperos do modelo de dois mundos); o bloco Oriental dos países comunistas-socialistas, conhecido como o Segundo Mundo, liderado e defendido pela União Soviética. Os três quartos restantes da população mundial, constituídos por países não alinhados claramente com quaisquer desses dois blocos, eram considerados o Terceiro Mundo.

O colapso da União Soviética, em 1991, mudou dramaticamente a configuração de três mundos. Embora não completamente aplicável, hoje em dia, na medida em que o comunismo cedeu lugar a várias formas de nacionalismo, o modelo de três mundos continua presente na linguagem de desenvolvimento atual e no discurso cotidiano.

1.3 O modelo de quatro mundos

Esse modelo incorpora as esferas geopolíticas e os descritores econômicos, tanto dos modelos de dois mundos como de três mundos. Já em 1945, as Nações Unidas utilizaram o modelo de quatro mundos para definir a riqueza relativa das nações. O Primeiro Mundo incluía as grandes nações democráticas industrializadas; o

Segundo incluía nações modernas, ricas, industrializadas sob o controle comunista; o Terceiro era a maioria do resto do mundo, salvo aquelas nações que viviam com menos de cem dólares anualmente, inclusas no Quarto Mundo. Décadas depois, Martin (2006) reativou o modelo de quatro mundos, usando descritores similares, mas sem a distinção política do comunismo:

- *Primeiro Mundo*: Continua a ser o Primeiro Mundo, constituído por países industrializados, ricos, democráticos, altamente tecnologicados, altamente desenvolvidos que recebem imigrantes. Apesar de sua localização do outro lado do globo, são comumente chamados “o Ocidente” ou “o Norte”. Têm cerca de 1 bilhão de pessoas e uma taxa de natalidade que está caindo, abaixo da taxa de reposição, de modo que enfrentam o desafio de depender da migração. A economia é capitalista e de livre mercado. Os países nesse mundo têm uma elevada renda nacional *per capita* bruta de US\$120.000, um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito elevado e um alto Índice de Educação (IE). Em termos de IDH e de educação, a maioria possui índices muito elevados de 0,9 e mais (1 é o mais alto possível). Os países desse mundo são de alta economia, embora, com o recente colapso da economia global (2008), não tenham tanta segurança a seu próprio respeito quanto antes. Há muitas ansiedades, entre as quais a baixa taxa de natalidade; a acomodação dos novos grupos de imigrantes; a integração de diferentes modos de cultura; a gerência e o crescimento da economia para manter um alto padrão de vida; a erosão dos antigos valores estabelecidos; o cuidado com uma população que está envelhecendo; o medo de tornarem-se países que têm menos, da guerra e do terrorismo. Assim, por melhor que possa parecer, eles querem um mundo melhor no qual haja um governo estável, pleno emprego, segurança contra a guerra e terrorismo, além de uma boa educação para os seus filhos. De acordo com os índices de renda, desenvolvimento humano e educação, existem 66 países desse tipo (Nações Unidas, 2009), entre eles Austrália, Canadá, Japão, Estados Unidos e a maioria dos países da Europa. Para uma amostra de países com os índices, veja a Tabela 1.
- *Segundo Mundo*: Nesse mundo, provavelmente tenha ocorrido a mudança mais significativa no posicionamento de países, desde um bloco comunista monolítico até vários países vigorosos e individuais, com diferentes filosofias de governo e sistemas sociais. Integram-no países com uma economia que há algum tempo está se desenvolvendo de maneira consistente e bastante intensa. Alguns desses países estão na vanguarda da revolução tecnológica (por

Tabela 1 – Índices de Desenvolvimento Humano

| País | IDH | IDE | RNB* |
|-----------------------|--------------------|--|-------|
| Quarto Mundo | 0,000-0,499 | Baixo Desenvolvimento Humano | |
| Afganistão | 0,352 | N/A | 1100 |
| Gâmbia | 0,439 | 0,456 | 1280 |
| Ruanda | 0,607 | 0,46 | 1110 |
| Senegal | 0,417 | 0,464 | 1760 |
| Terceiro Mundo | 0,500-0,799 | Médio Desenvolvimento Humano | |
| Butão | 0,553 | 0,619 | 4880 |
| Nigéria | 0,514 | 0,648 | 1940 |
| Paquistão | 0,665 | 0,572 | 2700 |
| África do Sul | 0,683 | 0,84 | 9780 |
| Segundo Mundo | 0,800-0,899 | Alto Desenvolvimento Humano | |
| Brasil | 0,888 | 0,813 | 10070 |
| China | 0,849 | 0,772 | 6020 |
| Polônia | 0,88 | 0,952 | 11730 |
| Turquia | 0,806 | 0,824 | 13770 |
| Primeiro Mundo | 0,900-1,000 | Muito Alto Desenvolvimento Humano | |
| Austrália | 0,993 | 0,97 | 37680 |
| Canadá | 0,966 | 0,991 | 36220 |
| Dinamarca | 0,993 | 0,995 | 37280 |
| Hong Kong | 0,994 | 0,879 | 43960 |

* Renda Nacional per capita Bruta

Fonte: U.N. Human Development Report, 2009.

exemplo, a Índia); estão com a revolução industrial em pleno andamento e veem sua economia crescer mais rapidamente do que a maioria dos países do Primeiro Mundo (por exemplo, a China). À medida que os países desse mundo enriquecem, podem ter estilos de vida e valores diferentes daqueles encontrados nos países do Primeiro Mundo, o que significa, na verdade, o estilo de vida americano ou europeu ocidental. Martin (2006) estima que esse mundo poderá ter mais de 3 bilhões de pessoas até meados do século. Os países possuem economias médias superiores, com uma Renda Nacional Bruta de US\$5000, um IDH elevado e um IE de médio a elevado. Há 46 países nesse grupo, localizados em toda a parte do mundo, como os do Primeiro Mundo. Vários dos países do antigo bloco comunista (Eslováquia, Estônia, Polônia), que foram agrupados como Segundo Mundo no modelo de três mundos ou no modelo de quatro mundos de 1945, continuam fazendo parte do Segundo Mundo na nova configuração. Outros países são, por exemplo, Bahrein, Brasil, Malásia e Turquia. As pessoas desses 46 países querem um mundo melhor que lhes prometa rendas maiores, emprego

garantido, boa educação para os seus filhos e uma melhor qualidade de vida.

• *Terceiro Mundo*: Enquanto alguns países que estiveram nesse mundo agora estão no Segundo, a maioria continua igual – os países em desenvolvimento da África, Ásia, Oriente Médio e América Latina. Inclui países capitalistas, de livre iniciativa (por exemplo, a Venezuela) e comunistas (por exemplo, a Coreia do Norte); os muito ricos, tais como a Arábia Saudita, e muito pobres, como o Mali; aqueles com um histórico de desenvolvimento difícil, mas variável; aqueles com uma economia de renda de média a baixa, um RNB de US\$2500-4999, um IDH médio e um IE de médio a baixo. Há 55 desses países em todo o mundo. Segundo Martin (2006), ele poderia ter cerca de 3 bilhões de pessoas até meados do século. As pessoas querem, sobretudo, educação, emprego produtivo e governo estável. Os países do Segundo e Terceiro Mundo estão agrupados como “países em desenvolvimento”. Lutam contra muitas desvantagens, tais como enormes empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), governos instáveis e uma população jovem em crescimento.

- *Quarto Mundo*: Nele, estão os países sem recursos, que não conseguem escapar do fardo da pobreza. Estão presos a um ciclo de pobreza crescente, doenças, violência cívica e caos social; são assolados por guerras, fome, epidemias violentas (por exemplo, malária) e sofrem pela ausência de uma categoria profissional forte. Têm uma economia de baixa renda, com um RNB muito baixo de US\$2500 ou menos, um IDH baixo (,000 – ,499) e um IE baixo (abaixo de 0,5). Há 43 países desse tipo, sendo a maioria no continente africano. Esse mundo poderá ter cerca de 2 bilhões de pessoas até meados do século (MARTIN, 2006, p. 291). Para eles, um mundo melhor é ter o básico para vida: água limpa, abrigo seguro, saneamento, escolas para os seus filhos, alimento e trabalho.

Olhando esse quadro de quatro mundos dentro de um mundo, parece que uma característica persistente do mundo como um todo é a **desigualdade**.

1.4 Uma observação resumida

Sugeri que vivemos em mundos diferentes e usei três índices para demonstrar diferenças entre países: do ponto de vista econômico, educacional e em termos de desenvolvimento humano. Através do modelo de quatro mundos, vemos o extremo – países altamente desenvolvidos e muito ricos e países muito pobres, sem recursos. Esses mundos são muito diferentes uns dos outros. Entre eles, há os países de Segundo e Terceiro Mundo, que, em sua maioria, estão tendo um desenvolvimento econômico ascendente, na direção de um nível mais elevado de desenvolvimento humano. Isso é olhar as coisas de uma perspectiva global, tirar um instantâneo global, podendo ser uma versão excessivamente simplificada da realidade.

O que pode ser mais relevante para os educadores e tem impacto sobre a comunidade local é o reconhecimento de que os quatro mundos existem dentro de um só país. Mesmo dentro de um país de Primeiro Mundo, há os quatro ambientes, com extremos de enorme riqueza individual e familiar e áreas de pobreza. Na maioria dos países, há aqueles com um excesso de bens e serviços e que vivem luxuosamente (não apenas confortavelmente); aqueles que meramente existem, não têm recursos e vivem de assistência social; por fim, os sem-teto, ainda mais destituídos de recursos, pois não têm endereço residencial que possam usar a fim de requererem assistência social. O objetivo da análise de desenvolvimento humano é identificar e mudar todos aqueles ambientes, de modo que todos possam levar uma vida razoável, tenham a “vida florescente” de Aristóteles¹ e bem-estar.

2 UM MUNDO MELHOR

Este é o sonho de Lennon (1971) e de todos os povos, em todos os quatro mundos, para um mundo melhor:

Imagem não possuir nada
 Me pergunto se conseguem
 Sem necessidade de ganância ou fome
 Uma fraternidade humana
 Imaginem toda a gente
 Compartilhando do mundo inteiro

A Terra única que habitamos é marcada pela desigualdade e distribuição desigual de recursos e oportunidades. Compartilhar do mundo inteiro melhoraria o nível de desenvolvimento humano para todos os países e criaria um mundo melhor. Segundo os cálculos de Jeffrey Sachs (MARTIN, 2006, p. 298), seria necessário o equivalente a apenas 0,7% do PIB do Primeiro Mundo para mudar essa situação de pobreza do Terceiro e Quarto Mundo.

Agora, convido vocês para verem a ideia de um mundo melhor através da lente do desenvolvimento humano.

2.1 Definição do desenvolvimento humano

O desenvolvimento humano é um processo de aumentar as escolhas das pessoas e alcançar um nível de bem-estar. Reúne a produção e distribuição de commodities (bens) e a expansão e o uso de capacidades humanas; focaliza escolhas – o que as pessoas devem ter, ser e poder fazer a fim de conseguirem assegurar o seu próprio ganha-pão. O desenvolvimento humano trata não apenas da satisfação de necessidades básicas, mas também do desenvolvimento como um processo participativo e dinâmico. Aplica-se igualmente a países menos desenvolvidos e altamente desenvolvidos e a países dos quatro mundos. Naturalmente, é necessária uma renda para o desenvolvimento, mas não suficiente para o desenvolvimento humano, pois ela não é um fim em si. No seu trabalho de desenvolvimento humano, as Nações Unidas (RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2009) usam três indicadores para determinar o nível de desenvolvimento de um país e o bem-estar do seu povo: longevidade, educação e padrão de vida. Uma breve palavra sobre cada um deles:

- *Longevidade*: A expectativa de vida ao nascer é o indicador de longevidade. A importância da expectativa de vida está na crença comum de que uma longa vida é valiosa em si e no fato de que vários benefícios indiretos (tais como nutrição adequada e boa saúde) estão intimamente associados a uma expectativa de vida mais longa. Essa associação torna a expectativa de vida um indicador importante do desenvolvimento humano.

- *Educação (Conhecimento)*: As cifras sobre o letramento são apenas uma reflexão grosseira do acesso à educação, em particular à educação de boa qualidade, tão necessária para uma vida produtiva na sociedade moderna. Mas, o letramento é o primeiro passo da pessoa na sua educação, no seu aprendizado e na formação de conhecimento; assim, o nível de letramento é um indicador crítico em qualquer medição do desenvolvimento humano. Para um indicador mais robusto, a participação em níveis de educação pode ser acrescentada ao nível de letramento. Dessa forma, o componente de Educação ou conhecimento do desenvolvimento humano (IDH) compreende uma medida de letramento (dois terços) e o número de matrículas em instituições educacionais primárias, secundárias e de terceiro grau.
- *Padrão de Vida*: Dos três, esse indicador provavelmente seja o mais difícil de simplesmente medir-se, pois requer dados sobre o acesso a terra, crédito, renda e outros recursos. Todavia, o uso de troca, a presença de bens e serviços que não podem ser trocados, a preferência pela memória em lugar de registros no papel e as distorções de anomalias da taxa de câmbio, tarifas e impostos, tornam difícil determinar com precisão os dados de renda per capita. Em alguns países, as pessoas não precisam de uma quantidade excessiva de recursos financeiros para assegurarem uma renda adequada e boa qualidade de vida.

As pessoas não isolam os diferentes aspectos de suas vidas; em vez disso, têm um senso geral de bem-estar. O IDH, como índice composto dos três fatores (longevidade, educação e padrão de vida), busca captar isso. Foi desenvolvido, em 1990, pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq e pelo economista indiano Amartya Sen, “[...] a fim de deslocar o enfoque de economia do desenvolvimento de uma contabilidade de renda nacional para políticas centradas em pessoas” (ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO) e de convencer os que criam as políticas internacionais a deixarem de concentrar-se apenas em avanços econômicos e a olharem o bem-estar das pessoas.

Diz-se que “o objetivo principal do desenvolvimento é beneficiar pessoas” (NAÇÕES UNIDAS, 1990, p. 9), pois elas são o maior ativo de uma nação; são, ao mesmo tempo, os fins e os meios para o desenvolvimento; são tanto os ativos quanto os beneficiários de desenvolvimento humano, expresso na qualidade de vida da qual gozam. Em um mundo melhor, as pessoas terão uma qualidade de vida melhor, implicando em

- melhor nutrição e serviços de saúde,
- maior acesso à educação,

- sustento mais seguro,
- melhores condições de trabalho,
- segurança contra o crime e a violência física,
- horas de lazer satisfatórias,
- senso de participação nas atividades econômicas, culturais e políticas de suas comunidades.

As pessoas também querem uma renda mais alta como uma de suas opções. Mas, a renda não é o somatório da vida humana. Aristóteles advertiu contra o fato de se julgar as sociedades meramente por coisas, tais como a renda e a riqueza, pois esta não é o bem que estamos procurando, apenas é útil e atua em prol de outra coisa, a qual, segundo esse pensador,² é o “bem comum humano” (CHOMSKY, 1997). Dessa forma, ele discutiu a favor de um arranjo político (governo) que facilitasse a capacidade das pessoas de levarem uma vida florescente. Portanto, o fim do desenvolvimento deve ser o bem-estar humano, o bem-estar para todos, as vidas florescentes. Isso apenas pode ocorrer através do *compartilhamento do mundo inteiro*.

Quando se perguntou a jovens de todo o mundo o que leva a um mundo melhor, eles disseram o seguinte:

Queremos a paz. Queremos um meio ambiente limpo. Queremos ter certeza de obter um emprego (jovens do Primeiro Mundo).

Eu sonho com um mundo no qual não haja limitações [limites] de casta, religião, estado, país, cor... No qual existem diferenças, mas de trabalho, de crenças. Ninguém pensa que alguém vale menos do que ele/ela. Todos pensam por todos. Viver como uma família, na qual a pessoa vive pelos outros. Ninguém culpa um ao outro. Sem pobreza, sem corrupção. Naquele mundo, a dignidade, o amor, a felicidade e as responsabilidades disseminarão a sua mágica. É só. É O MEU SONHO. MEU LAR, MEU PAÍS, MEU MUNDO, todos no auge da felicidade (jovens do Segundo Mundo).

Podemos ser a mudança que queremos ver no mundo... E uma viagem de um milhão de milhas começa com um passo. Um mundo que esteja em paz, cheio de esperança, limpo, sem drogas e seguro (jovens do Terceiro Mundo).

Um mundo bom para as crianças é um mundo bom para todos! O meu país procurou transformar isso em realidade através da introdução do ensino primário gratuito. Isso nos levará a um mundo melhor (jovens do Quarto Mundo).

O mundo que eu desejo não tem guerra. O aquecimento global não é mais um problema. A poluição foi erradicada. Todo o mundo se dá bem e todo o mundo está a salvo do mal. Se isso fosse tudo real, viveríamos a nossa vida sem nos preocuparmos sobre tudo o que pode acontecer; em vez disso, enfocariamos como

ainda podemos cuidar do mundo. Mas, na realidade, as pessoas sempre discutirão sobre discordâncias. É da natureza humana. Talvez possamos todos aprender a discordar e ignorar os outros, como os nossos professores e as nossas mães nos ensinaram (jovens do Primeiro Mundo).

Segundo o *Better World Handbook* (JONES; HAENFLER; JOHNSON, 2007), os sete fundamentos de um mundo melhor são:

- Justiça econômica,
- Paz abrangente,
- Sustentabilidade ecológica,
- Profunda democracia,
- Justiça social,
- Cultura de simplicidade,
- Comunidade revitalizada.

2.2 Uma observação resumida

Olhando o mundo melhor através das lentes do desenvolvimento humano, pode-se concluir que há necessidades, em todo o mundo, para o bem-estar das pessoas. As expectativas e realizações apresentam diferenças de escala entre os povos do Primeiro e do Segundo Mundo ou do Terceiro ou Quarto Mundo. Entretanto, a finalidade do desenvolvimento é o bem-estar de todos os povos, o que significa uma série de coisas, mas, principalmente uma vida longa e feliz, um nível de educação elevado e uma renda confortável. Embora a renda não seja um fim em si mesma, e talvez não leve a um nível de desenvolvimento elevado, é um meio importante para se alcançar uma vida de qualidade em um mundo melhor.

Nas páginas restantes, enfocarei mais especificamente a educação como um caminho àquela qualidade de vida e um mundo melhor, ao mesmo tempo reconhecendo que nenhum dos três indicadores de desenvolvimento humano está sozinho, e sim interligado. Os resultados de todos trabalhando juntos são melhores do que qualquer um sozinho.

3 Educação para um mundo melhor

Como é um componente importante do bem-estar, a educação é usada na medição do desenvolvimento econômico e na qualidade de vida, além de ser um fator chave para determinar se um país é desenvolvido, está em desenvolvimento ou é subdesenvolvido e a qual grupo pertence (Primeiro, Segundo, Terceiro ou Quarto Mundo). Também, é primordial na determinação de satisfação com a vida. Na sua tentativa de demonstrar satisfação com a vida (satisfação subjetiva com a vida) em diferentes países, Adrian G. White (2006), Psicólogo Social Analítico da Universidade de Leicester (Reino Unido), desenvolveu o “Índice de Satisfação com a Vida”. No seu cálculo, o

bem-estar subjetivo correlaciona-se mais fortemente com a saúde (0,7), a riqueza (0,6) e o acesso à educação básica (0,6). Aqui, mais uma vez, vemos a educação como um componente importante do bem-estar.

Segundo Derek Bok (2010), que tem examinado o crescente corpo de pesquisas sobre felicidade e bem-estar, os governos deveriam considerar a implicação dessa pesquisa para a política social, inclusive política e programação da educação. Ele afirma que “[...] qualquer tentativa séria de aumentar o bem-estar deve dar um lugar de destaque à educação” (2010, p. 156).

Muitos concordariam com a Confederação Mundial de Professores que

O primeiro passo para um mundo melhor é alcançar a Educação para Todos em todos os países. Sem discriminação por raça ou origem nacional, ou crença religiosa, ou gênero, ou riqueza, ou propriedade, todos devem ter a oportunidade de buscar seus sonhos e fazer suas contribuições às suas comunidades (WORLD CONFEDERATION OF TEACHERS, 2003).

Isso parece um eco dos jovens de 14 anos de idade do Segundo Mundo em diante. A seguir, apresentaremos histórias de casos do uso intencional da educação para criar um mundo melhor a uma nação.

3.1 Casos de desenvolvimento e educação em alguns países

Desde meados dos anos sessenta até meados dos anos noventa, as economias dos países do Sudeste da Ásia cresceram mais rapidamente do que em todas as outras regiões do mundo, lideradas pelos quatro *Tigres Asiáticos* (Hong Kong, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan). Em 11 anos (a começar por volta de 1966), esses quatro países *Tigres* se alçaram do Terceiro para o Primeiro Mundo com economias avançadas e desenvolvidas. No relatório do estudo desses quatro países, Paul Morris (1996) examinou particularmente o papel da educação no seu desenvolvimento. Dessa forma, concluiu o seguinte:

1. Foi muito importante [para o seu desenvolvimento] o papel da escola primária, ao proporcionar um nível básico de letramento, domínio de números e coesão social no período inicial da sua industrialização. A taxa de letramento nos quatro países aumentou enormemente; hoje (dados de 2007), é de 99% para Taiwan, Coreia do Sul e Singapura e de 94,6% para Hong Kong. O letramento foi o ponto fundamental para a ascensão econômica.

2. A educação foi usada intencionalmente para promover a coesão social e o senso de identidade nacional. Nos quatro países, a educação moral/cívica/de caráter era uma disciplina compulsória no currículo escolar. Em Hong Kong, foi integrada através do currículo, desde o

elementar ao secundário. As diretrizes curriculares (1981) afirmavam que “Educação moral e educação cívica são complementares entre si... O objetivo da educação moral é de cultivar nos alunos as atitudes morais e valores sociais corretos” e enfatizavam a integração de educação moral dentro dos currículos escolares formais e informais.

Em Singapura, Educação Cívica e Moral foi e continua sendo uma disciplina obrigatória em todos os níveis escolares. O currículo é estabelecido pela Superintendência Nacional de Educação. Hodge (2008) e os resultados esperados para a educação indicam que a ênfase dada à educação cívica e moral permanece forte em todos os níveis. Exemplos de expectativas em cada nível são: amar Singapura (primário); ter integridade moral (secundário); conhecer e acreditar em Singapura (secundário); ter um sólido senso de responsabilidade social (universidade); entender o que é necessário para liderar o país (universidade). O Artigo 93 do Ato de Educação para a Coreia do Sul afirma que a meta da educação elementar é ensinar os fundamentos necessários para uma vida cívica produtiva. A fim de alcançar esse objetivo, o currículo básico da educação na escola elementar é dividido em nove matérias principais, das quais educação moral está em primeiro lugar na lista. Em Taiwan, valores cívicos e morais são uma disciplina da primeira parte da escola secundária (TAIWAN MINISTRY OF EDUCATION, 1994).

Foi sugerido que esses países poderiam ter uma intencionalidade igual a respeito da educação cívica e moral e identidade nacional, com resultados bem-sucedidos relacionados ao seu desenvolvimento, porque são culturalmente homogêneos (KISSOCK, 2010). Todavia, Singapura é uma sociedade diversificada, a mais diversificada dos quatro *Tigres* do ponto de vista étnico, linguístico e religioso: possui quatro idiomas nacionais – mandarim, malaio, tâmil e inglês – e três tradições culturais distintas – chinesa, malaia e indiana.

3. O acesso à educação foi o principal meio de avanço socioeconômico pessoal. Quando ocorreu o crescimento da economia, este foi reinvestido na melhoria da infraestrutura do país, inclusive facilidades de transporte, moradia, serviços médicos e educação, de modo que os benefícios do crescimento econômico foram amplamente distribuídos (um ponto crucial de equidade). O ponto importante sublinhado por essa observação é a necessidade de recursos para melhorar o bem-estar de todos.

4. Nos *Tigres*, embora a expansão dos três níveis de educação tenha sido sequencial, ela ocorreu junto com uma redistribuição de gastos que resultou em uma despesa relativamente menor com cada aluno do nível terciário e relativamente maior com cada aluno do

primário. Após o crescimento inicial das economias, a expansão educacional foi em grande parte sequencial, sendo a prioridade dada ainda à educação primária, depois à educação secundária geral e, por último, à educação de terceiro grau (MORRIS, 1966, p. 107).

Esse foi um achado chave. É pouco comum, no planejamento da educação, na maioria dos países em desenvolvimento, que, em determinado momento, o governo decida gastar mais por aluno no nível primário do que no terceiro grau. Os gastos maiores geralmente ocorrem nos níveis secundário e terciário e, particularmente, em programas de treinamento vocacional e técnico, mesmo onde são baixos os níveis de letramento básico.

5. Outro achado surpreendente desse estudo é que, no início da transição da condição de baixa renda, cada uma dessas quatro sociedades investiu muito na expansão da educação acadêmica geral, em vez da educação técnica ou vocacional, acreditando que “Os empregadores necessitavam sobretudo de empregados diligentes, letrados que pudessem ser treinados” (MORRIS, 1996, p. 102).

Essa abordagem também é incomum como estratégia de desenvolvimento. Os países do Terceiro Mundo tendem a priorizar o investimento em educação técnica e vocacional, ao invés da educação acadêmica geral fundamental (primária), embora seja esta a fase do desenvolvimento do letramento precoce para assegurar uma população adulta letrada.

Esse estudo de quatro países conformou uma meta-análise anterior dos vários estudos de taxa de retorno sobre o investimento em educação. Psacharopoulos (1985, p. 98) mostrou que as taxas de retorno eram mais elevadas no nível primário e que os retornos para a educação geral eram mais altos do que para a educação técnica e vocacional. Pareceria, a partir do estudo dos quatro países, que a educação é crucial como um veículo para transmitir aqueles valores e atitudes que apoiam o desenvolvimento (PSACHAROPOULOS, 1985, p. 99). Isso afirma a centralidade da educação como um dos indicadores de desenvolvimento humano. As nações e os indivíduos reconhecem isso.

Recentemente, um jornal de Bahrein publicou a seguinte manchete: “Um chamamento para a construção de um mundo melhor através da educação” (GULF DAILY NEWS, 2010). Uma jovem de um país do Terceiro Mundo diz: “Quero aprender a ler e escrever, obter um bom emprego, para poder mandar os meus filhos a uma boa escola, de modo que eles também consigam um bom emprego”. Parece haver fortes evidências de que a educação é essencial para o desenvolvimento humano e, conseqüentemente, para uma melhor qualidade de vida e um mundo melhor a todos. A questão para nós, como educadores, é: Que tipo de educação?

3.2 Que tipo de educação?

Aqui, o enfoque é o ensino básico (fundamental). Pelas histórias dos *Quatro Tigres*, parece que, para se viver num mundo melhor, isto é, para o maior bem-estar de todos, no mínimo três requisitos devem ser atendidos pela educação básica:

- Letramento universal,
- Currículo acadêmico geral em nível primário,
- Educação cívica (educação moral, educação para a cidadania), a começar pelo nível primário – para boa cidadania, integridade moral e senso de objetivo nacional e orgulho nacional.

Segundo James Martin (2006, p. 321), uma grande civilização baseia-se em dois aspectos:

Primeiro, a sua estrutura proporciona democracia, religião e um pacto moral avançado. Todo o mundo tem uma vida limpa e decente, com uma boa educação e igualdade de oportunidades. Nós curamos o ambiente em vez de prejudicá-lo. Esses são os fundamentos básicos da sociedade.

Em segundo lugar, dado que esses fundamentos existem e estão instalados, as pessoas devem viver de tal modo que desfrutem da vida. O que fazem com a vida que as faz sentirem-se bem? O que faz com que ela tenha sentido? Bok (2010) reuniu as atividades que outros pesquisadores identificaram como dando significado à vida e contribuindo para uma vida satisfatória, entre elas: emprego, saúde, tempo com a família, amizades, atividades cívicas e comunitárias e atividades de lazer. Ele aproveita pesquisas com coortes de aposentados nos Estados Unidos (BENDER; JIVAN, 2005; YANG YANG, 1972-2004), que mostram satisfação de moderada a alta com a sua vida. A partir daquele corpo de pesquisas, oferece a perspectiva de que a educação deve fazer mais do que preparar as pessoas para um emprego; ela deve “[...] tentar cultivar uma grande gama de interesses e preparar os estudantes para uma série de atividades que tendem a aumentar a satisfação com a vida” (BOK, 2010, p. 157).

Para a nossa vida moderna, a educação básica deve incluir também o letramento tecnológico. Espera-se, de modo geral, que a tecnologia de computadores continue a revolucionar o mundo rapidamente e que a tecnologia gere maior prosperidade no mundo futuro, assim como a máquina a vapor, a energia elétrica e as máquinas operatrizes revolucionaram o mundo dos séculos XVIII e XIX, criando prosperidade para alguns. Que códigos morais guiarão o modo como essa prosperidade é usada? Quando se tem renda suficiente (RNB) de trabalho e todas as coisas que ela pode comprar, quanto mais você pode acumular para criar maior significância e bem-estar? Assim, outras atividades (exemplos mencionados

anteriormente) que darão felicidade aos aposentados serão desejadas pela população em idade de trabalhar. A tecnologia será um fator enorme, a fim de se “melhorar” o mundo para todos; por isso, merece aqui ser discutida.

3.2.1 O papel da tecnologia

Em um futuro com a superinteligência dos computadores, a capacidade de modificar genes, transumanismo e uma largura de banda quase infinita, que códigos morais guiarão a forma pela qual usamos os nossos avanços científicos e tecnológicos e o crescimento da prosperidade, para fazer com que as pessoas sintam que suas vidas valem a pena? para melhorar o seu bem-estar? Aparentemente, serão necessários alguns códigos morais que centrem o bem-estar das pessoas e uma abordagem crítica profunda para engajar-se com o papel da tecnologia na sociedade, pois esta se tornará cada vez mais pública e acessível.

Há certos bens que são públicos, como o parque ou a avenida. A tecnologia é um desses “bens”; se são globais, fala-se deles como “bens comuns globais”. Agora, a tecnologia de computadores possibilita criar numerosos tipos de bens comuns globais que não existiam antes, tendo-os em abundância. A Internet e o software proporcionam muitas oportunidades para o desenvolvimento e a rápida distribuição desses bens comuns. À medida que os sistemas de computadores se multiplicam e o seu preço cai, serviços compartilhados se tornarão cada vez mais valiosos e os seus preços, mais acessíveis.

Há numerosos bancos de dados tornando-se públicos e gratuitos. O Laboratório Nacional Lawrence Livermore (Califórnia, Estados Unidos), que mapeou o genoma humano, agora está sequenciando os genomas de tudo o que consegue (criaturas, plantas, micróbios). Essa quantidade extraordinária de novos conhecimentos é postada na Internet assim que é obtida, de modo que qualquer um no mundo possa acessá-la gratuitamente. O Google está bem encaminhado para desenvolver uma biblioteca digitalizada de todos os livros existentes. Qualquer um, em qualquer lugar do mundo, terá acesso, talvez gratuito, talvez não. A maioria dos grandes livros do mundo, cujos direitos autorais já venceram, está disponível gratuitamente na Web, onde há uma quantidade enorme de materiais educativos, pelos quais não é necessário pagar direitos.

O somatório da inteligência humana torna-se um “bem comum global” de enorme valor se puder ser compartilhado, assim como pede Lennon na sua canção – compartilhe do mundo. Talvez, a mídia digital comece a criar a necessidade e os canais para compartilhamento global; talvez, os “bens comuns” futuros mais valiosos serão instalações de educação em mídia digital que possam ser acessados quase em toda a parte. Ao contrário dos livros, os produtos digitais podem ser replicados e

distribuídos globalmente quase sem custo. O enorme corpo de materiais educativos acessíveis na Web crescerá inexoravelmente; além disso, sua qualidade melhorará constantemente.

Em uma geração, vimos ocorrer essa revolução da tecnologia de computadores. Qualquer pessoa de 50 anos de idade ou mais lembrará quando o computador era uma máquina enorme que ocupava a sua própria sala em um prédio. Os indivíduos não possuíam computadores, apenas as instituições tinham o dinheiro, o espaço e a necessidade disso.

Na sábado (3 de abril de 2010), em meio a grande empolgação, a Apple lançou o seu mais novo iPad, um fino computador tipo bloco que supostamente tem o potencial de “resetar as expectativas das pessoas sobre o modo de usar um computador” (THE ST. CATHERINE STANDARDS, 2010, C7). Um mecânico de 66 anos de idade, que já tem um alvará há 50 anos, fica do lado de fora da sua oficina, no frescor da tarde, brincando com o seu primeiro laptop recém-adquirido. Ele diz:

Acabo de colocar nele um programa para automóveis, mas ainda não sei como usá-lo; custa \$7000; é mais potente do que aquele (aponta uma caixa fechada); aquele tem dez anos de idade; com este, posso diagnosticar carros modernos dentro de minutos; tenho de ficar atualizado (31 de maio de 2010). Há um PC numa caixa dentro da oficina, depois de hoje não estarei usando mais aquele [...].

Estamos em meio a essa revolução tecnológica, fizemos parte disso. Esta e futuras gerações estarão globalmente lincadas em todo o tipo de informações e serviços.

3.2.2 E quanto ao acesso?

Será que essa tecnologia inclui todo o mundo? Grande parte das informações (educação) na Web e na mídia digital poderia ser gratuita e projetada para uso global, se decidirmos trabalhar pelo sonho de Lennon e compartilhar os bens do mundo. Materiais digitalizados podem ser produzidos em múltiplos idiomas, tornando-se aceitáveis em países com diferentes formas de governo, culturas, arranjos sociais e religiões.

A criatividade corajosa, usando a tecnologia, não se limita a pessoas do Primeiro Mundo ou de um país qualquer isoladamente. A Coreia do Sul foi o primeiro país no mundo a fornecer acesso à Internet de alta velocidade em todas as escolas primárias e secundárias; junto com Taiwan, tornou-se líder mundial em Tecnologia da Informação (TI).

A Trek Technology, de Singapura, e a Netac Technology, da China, têm patentes no USB que foi coinventado por Ajay Bhatt da Índia (agora, nos Estados Unidos).

Bangalore é conhecida como o *Vale do Silício da Índia* em virtude da sua posição como o principal exportador de TI do país. Quantos de nós falamos com um técnico em outro país (muitas vezes, da Índia ou da África do Sul) quando temos um problema com o nosso serviço de Internet? Isso ocorre provavelmente porque os Call Centers, na Índia, têm o maior número de profissionais experimentados, capacitados, treinados, letrados em TI e que conhecem bem a tecnologia, e porque os sul-africanos desenvolveram as habilidades de desenhar, construir e operar Call Centers rapidamente e em escala razoável. Em ambos os países do Terceiro Mundo em desenvolvimento (IDH médio), sua indústria de Call Centers está rapidamente tornando-se uma importante indústria de tecnologia. Estão alimentando a capacidade da tecnologia para mover o desenvolvimento nacional por um mundo melhor.

A IBM, em parceria com a Ubuntu Linux, lançou recentemente um novo pacote de software para netbook, desenhado para ajudar empresas na África como uma alternativa mais acessível ao PC mais caro. Também, será usado no atendimento à saúde, governo e escolas.

A educação e o treinamento em e com a tecnologia não são monopólios dos países de Primeiro Mundo. Embora países como os Estados Unidos, com o seu Vale do Silício, tenham enorme vantagem na tecnologia, a inovação está se globalizando. Brasil, Chile, China, Colômbia e Índia estavam entre os países do Segundo e Terceiro Mundo convidados para participarem da primeira Cúpula de Inovação Global (3 a 5 de junho de 2009), em virtude de sua sabedoria e experiência. A finalidade da reunião era “[...] criar uma agenda de administração e colaboração globais de questões pertinentes à sociedade e à inovação em grande escala” (INSTITUTE FOR LARGE SCALE INNOVATION).

A tecnologia como um “bem comum global” nos permitirá formar mais consumismo em toda a parte; entretanto, para construir um mundo melhor do que a nossa sociedade atual, temos de saber quando basta, temos de focar a verdadeira finalidade de estarmos aqui, temos de chegar àquilo que dá significado à vida, temos de saber o que é bem-estar para todo o mundo. Tanto Martin (2006) como Bok (2010), além de educadores em todo o mundo, estão de acordo com Havel (1998) de que a educação pode ser o meio singular mais poderoso para nos levar até lá. Pode não ser a maneira mais rápida ou mais fácil de resolver os problemas do mundo, mas “é a maneira mais eficaz... a solução mais sustentável para melhorar problemas globais a longo prazo” (BRIGGS, 2003, p. 1), na sabedoria coletiva de um grupo de 20 alunos de graduação do programa anual de reconhecimento de estudantes da USA Today, que estão estudando em países do Terceiro e Quarto Mundo (BRIGGS, 2008).

3.3 Um programa de educação básica para um mundo melhor

Um programa de educação para melhorar o mundo começa com o ensino básico, que é a educação em nível elementar até a 8ª série, reconhecendo que esta finda a educação pública formal em muitos países. A partir das evidências que temos até agora, sabemos que o letramento, o domínio de números, a educação cívica e moral e um currículo acadêmico geral são fundamentais. Também, sabemos que a educação é fortemente correlacionada à saúde e que a saúde física e mental é nutrida por vários tipos de atividades de lazer, as quais podem ser realizadas após a idade escolar até uma idade avançada na aposentadoria. Sabemos que cultivar um amplo interesse além do trabalho e participar de questões cívicas da comunidade contribuem para o bem-estar. Mantendo-os como desfechos para uma educação básica e fundamental, um programa escolar elementar (primário + escola média) poderia ter o seguinte aspecto:

- **LETRAMENTO:** É a leitura na primeira língua, domínio de números e de tecnologia. O letramento em tecnologia deve estender-se além de saber usar o computador, para incluir estudos de mídia crítica que trata de questões de economia, política e moralidade da tecnologia. Quando a tecnologia é uma ferramenta opressora ou libertadora? Quando é uma ferramenta de desenvolvimento ou repressão? Como avaliar informações da Internet? Essas são questões que podem ser tratadas por estudantes da faixa etária de nível elementar superior ou da escola média.
- **DISCIPLINAS ACADÊMICAS:** A tecnologia está tornando o mundo menor. Mesmo sem migração, as pessoas estão se comunicando através das fronteiras linguísticas. Portanto, uma segunda língua deve ser incluída na lista de disciplinas acadêmicas usuais – Linguagem, Matemática, Ciências Sociais e Estudos Artísticos. A chave aqui é a forma como são ensinadas, além de darem e compartilharem informações. A Web será cada vez mais dominante como fonte de informações. Os desafios de ensino/aprendizado são os seguintes: os estudantes devem criar conhecimentos a partir de informações, distinguir entre informações úteis e inúteis e visualizar informações através de algum tipo de lente moral.
- **EDUCAÇÃO CÍVICA E MORAL:** Trata de desenvolver orgulho cívico, participação comunitária e integridade moral. Todavia, essa educação vai mais longe: é uma educação para tornar-se “duplamente consciente” (DEJAEHERE, 2009) – ver a sua identidade através dos olhos de outros

e na comunidade; conhecer as leis do país e os costumes da comunidade para ajudar a lidar com questões locais, nacionais e globais, como, por exemplo, sustentabilidade, uso de energia, miséria infantil, desigualdades de gênero. É uma educação que “problematiza e (re)constrói a cidadania para abordar as realidades cívicas da exclusão e discriminação” (DEJAEHERE, 2009, p. 226), excessos e escassez, de modo que há uma dimensão moral na educação cívica.

- **ATIVIDADES DE LAZER:** Ocupações ativas de lazer que podem ser transportadas para a idade adulta se contraporão ao estilo de vida sedentário incentivado pelo computador, televisão e outras formas de mídia. Tais ocupações são boas para a saúde física e mental e necessárias para contrapor-se à atual tendência da obesidade que está se tornando um problema de saúde, devido tanto à prosperidade como à pobreza. Cultivar interesses amplos em atividades artísticas e comunitárias em vivências educacionais precoces, pode tornar-se um hábito nos anos de aposentadoria.
- **EDUCAÇÃO PARA EMPREENDIMENTOS:** Trata de

[...] tomar a iniciativa a fim de alcançar uma meta autodeterminada que faz parte de uma visão futura, a fim de alcançar o nosso próprio significado na vida, ao mesmo em tempo que se compartilha a realização com outros (GENE LUCZKIW, 2001).

Refere-se ao aprender a ser inovador e criativo para o lazer e o trabalho em prol do bem-estar pessoal e comunitário. Nos países de Segundo, Terceiro e Quarto Mundo, onde a 8ª série (menos em alguns países) é o fim da escolarização para a maioria das pessoas, objetivos vocacionais e desenvolvimento de habilidades devem fazer parte do ensino elementar. Em todos os sistemas, desenvolver uma ética de trabalho sadia é fundamental para o bem-estar dos indivíduos e comunidades.

3.4 O papel do educador

Há muitas informações na Web, as quais são acessíveis a todos. Assim, o trabalho dos educadores em todos os níveis não é mais fornecer informações e sim ajudar os que aprendem a selecioná-las e processá-las criticamente, moralmente e para fins de ação, seja aquela dirigida à própria pessoa (como para a nossa identidade) ou a outro lugar (como para o engajamento cívico). Os professores desempenham um papel importante no sentido de auxiliarem os estudantes a criarem conhecimentos a partir de informações e de modelá-los, para continuarem sua própria educação, ao mesmo tempo em que trabalham para tornar o mundo um lugar melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os índices de desenvolvimento humano, bem como as evidências de países selecionados, afirmam que a educação é fundamental e central para se criar um mundo melhor para todos, no qual as pessoas podem ter uma vida longa e saudável, acesso à educação e um nível de vida apropriado. Esses são requisitos para se viver de forma “florescente” e significativa.

Nossa revolução tecnológica do computador do século XXI tem o potencial de prover uma quantidade cada vez maior de informações, tornando-a uma ferramenta educacional invejável. Além disso, tem o potencial de aumentar a riqueza para que todas as pessoas possam alcançar o nível de bem-estar desejado. Isso somente pode acontecer quando a tecnologia se torna um “bem comum global”, acessível a todos, o que está ocorrendo, à medida que cada vez mais materiais estão disponíveis gratuitamente na Web e que o custo da tecnologia se torna mais alcançável.

A tecnologia liberta os educadores de darem informações, possibilitando-os enfocar seu ensino em mais criação de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e dimensões críticas do que ensinam. Eventos educacionais podem levar a uma ação em contexto local, nacional e global, por um mundo melhor.

REFERÊNCIAS³

- Bender, K.A.; Jivan, N. (2005). **What makes retirees happy?** An issue in brief. Center for Retirement Research at Boston College, Working Paper No. 28. In D. Bok, (2010). *The Politics of Happiness*. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- Bok, Derek (2010). **The Politics of Happiness** – What government can learn from the new research on well-being. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- Briggs, T.W. (2008). **Students believe education paves the way to a better world**. USA Today. USATODAY.com.
- Chomsky, N. (1997). **The common good**. http://www.coperativeindividualism.org/chomsky_commongood.html.
- DeJaeghere, Joan G. (2009). Critical Citizenship Education for Multicultural Societies. **Interamerican Journal of Education for Democracy**, Vol. 2(2), (Sept 2009)223-236.
- Gulf Daily News** (Manama), Bahrain, Feby 7, 2010.
- Havel, V. (1998). *The Art of the Impossible: Politics as Morality in Action*. New York: Fromm Intl.
- Historical review of Korea's education**. <http://www.asianinfo.org/asianinfo/korea/education.htm>.
- Hodge, W. (2008). **Basic Education Curriculum revisited: A look at the current content and reform**. <http://www.vnseameo.org/downloads/malay/Singapore.doc>.
- Hong Kong Curriculum Development Council (1981). **The Guidelines on Civic Education in Schools**. Curriculum Development Council.
- Human Development Index**. http://en.wikipedia.org/wiki/Human_Development_Index#origins_of_the_HDI.
- Institute for Large Scale Innovation**. <http://www.largescaleinnovation.com/ILSISummit06209.pdf>.
- Jones, Ellis; Haenfler, Ross; Johnson, Brett (2007). **The Better World Handbook: Small changes that make a big difference**. 2nd ed., Davis, Cal.: The Better World Network.
- Kissock, C. In **conversation at the 30th Annual Seminar of the International Society for Education**. PUCRS, Porto Alegre, Brazil. April 11, 2010.
- Lennon, John (1971) **Imagine**. Lyrics from http://www.oldielyrics.com/lyrics/john_lennon/imagine.html/.
- Luczkiw, G. (2001). **Enterprise Education—An alternate program in teacher education Intermediate/Senior**. Brock University and the Institute for Enterprise Education, St. Catharines, ON., CA.
- Martin, J. (2006). **The Meaning of the 21st Century**. New York, N.Y: Penguin.
- Morris, P. (1966). **Asia's Four Little Tigers: a comparison of the role of education in their development**. 1966. *Comparative Education* 32(1) 95-109. Psacharopoulos, G. (1985). Returns to education: further international update and implications. *Journal of Human Resources*, XX, 583-604.
- Techies in a tizzy as iPad hits U.S. shelves**, The St. Catharines Standard, Ontario, CA Monday, April 5, 2010, C7.
- Taiwan Ministry of Education** (1994). Curriculum standards for junior high schools, Taipei.
- United Nations. **Human Development Report 1990**. http://hdr.undp.org/en/media/hdr_1990_en_chap1.pdf.
- United Nations. **Human Development Reports 2009, 2010**. <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2010/>.
- White, A. (2006). **Satisfaction with Life Index**, University of Leicester, U.K. http://wn.wikipedia.org/wiki/Satisfaction_with_Life_Index.
- World Confederation of Teachers (WCT) (2003). **Teachers opening doors to a better world**. 5 October 2003 World Teachers' Day www.ei-ie.org/statusofteachers/2003.
- Yang Yang, **Social Inequalities in Happiness in the United States, 1972 to 2004: An Age-Period-Cohort Analysis**, 73 *American Sociological Review* In D.Bok (2010). *The Politics of Happiness*. Princeton, N.J: Princeton University Press.

NOTAS

- ¹ Para Aristóteles, o florescer humano é altamente pessoal e envolve o uso racional das potencialidades humanas, incluindo talentos, habilidades e virtudes para alcançar objetivos que levam à autoatualização. Consiste em fazer escolhas morais e realizar ações concretas que levarão ao bem-estar de um aos outros.
- ² Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) foi um filósofo grego e um estudante de Platão. Aristóteles problematizou o assunto básico de seu tempo, como alcançar o “bem comum para todos”; dessa forma, lançou as bases da democracia liberal.
- ³ Mantido formato original.